

# Blumenau em cadernos

TOMO XXXI

\*

Abril de 1990

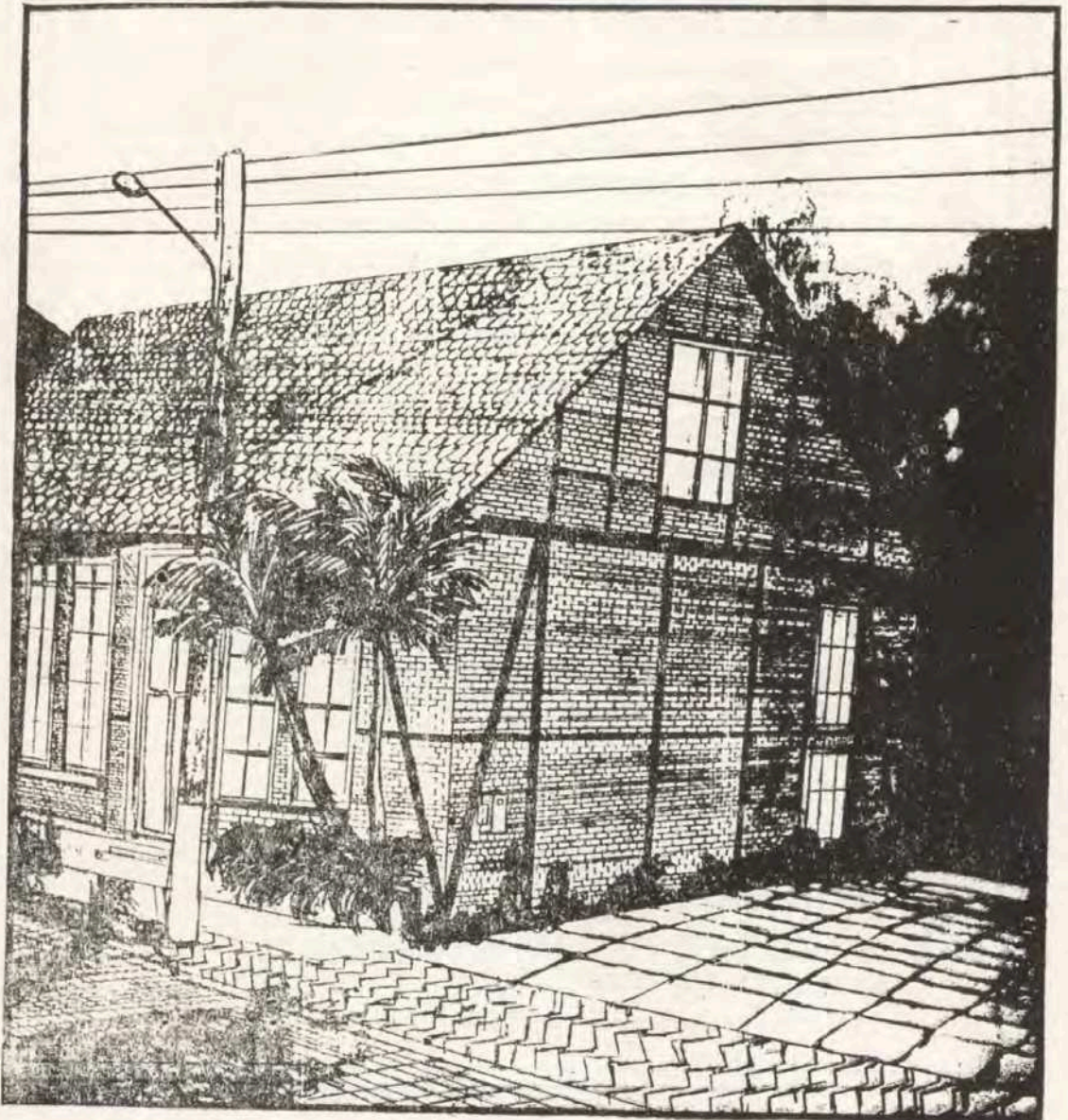
\*

Nº. 4

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87





## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.  
Companhia Hering  
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Casa Willy Sievert S/A. Comercial  
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.  
Livraria Blumenauense S/A.  
Schrader S/A. Comércio e Representações  
Companhia Comercial Schrader  
Buschle & Lepper S/A.  
João Felix Hauer (Curitiba)  
Madeireira Odebrecht Ltda.  
Móveis Rossmark  
Arthur Fouquet  
Paul Fritz Kuehnrich  
Dietrich Schmidt  
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.  
Walter Schmidt Comércio e Indústria  
Eletromecânica Ltda.  
Cristal Blumenau S/A.  
Moellmann Comercial S/A.  
Casa Mayer  
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados  
Sul Fabril S/A.  
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.  
Maju Indústria Textil Ltda.  
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

# BLUMENAU

# EM CADERNOS

TOMO XXXI

Abril de 1990

Nº. 4

## SUMÁRIO

Página

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos .....	98
Devastação dos matos .....	100
Primeiro Ofício de Registro de Imóveis completou 100 anos de instalação .....	103
Cartas .....	105
Figura do Presente — Thiago de Souza e sua família de atletas	107
Imaruí - Indaial .....	113
Subsídios Históricos .....	114
Autores Catarinenses .....	116
Casa Dr. Blumenau recebe trajes típicos .....	118
Apicultura — Problema das abelhas e os produtos de açúcar ..	119
Um pouco de história de Apiúna .....	120
Aconteceu — Março de 1990 .....	122
Publicidade comercial até o começo do século através da impren- sa local .....	126

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) Cr\$ 100,00 + 50,00 (porte) = C.\$150,00  
Número avulso Cr\$ 15,00 — Atrasado Cr\$ 30,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 600,00 + 200,00 (porte via aérea) C \$ 800,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior \* Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.



# Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

UMA CRÔNICA RESUMIDA DE 1915  
TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (IX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

No 2º Livro de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo, de Blumenau, encontra-se esta crônica resumida, sob o termo nº 18, na página 5. Faz um histórico dos acontecimentos religiosos católicos até o ano de 1915, quando se verificou a Visita Pastoral do Sr. Bispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira. A crônica não está assinada, mas trata-se, sem dúvida, de um registro importante anotado no Tombo da Paróquia por fazer esta retrospectiva histórica eclesial. Pequenas adaptações quanto à grafia foram necessárias sem ferir em nada seu conteúdo. Diz, pois, o texto:

“Foi no ano de 1850 que teve este núcleo colonial, situado na confluência do Rio Garcia com o Rio Itajaí, hoje a florescente cidade de Blumenau. O Dr. Hermann Blumenau, colonizador alemão, subindo o Rio Itajaí, aportou no dia dois de setembro nestas paragens e escolheu no então imenso mato virgem este lugar para sede de uma colônia alemã.

Os primeiros colonos eram umas dezessete pessoas, mas o ano de 1852 veio trazer mais cento e dez colonos; o ano de 1854 mais cento e quarenta e sete e assim por diante. Foi crescendo o número de braços destros no desbravamento das matas virgens, portadores de cultura, civilização e prosperidade a estas regiões, até então dominadas exclusivamente por índios e feras. Tanto o fundador do núcleo como os primeiros colonos eram protestantes, sendo muito poucos os colonos católicos até o ano de 1861. Este ano, porém, viu chegar uma turma de imigrantes católicos em número de cento e cinquenta, o que deu origem à construção da primeira capela. Terminada esta capela primitiva em 1864 foi visitada trimensalmente pelo então vigário de Gaspar, o Rev.mo Pe. Alberto Francisco Gattone até o ano de 1870, quando levantaram uma nova capela maior na qual atendeu durante três anos o Rev.mo Pe. Guilherme Roemer. Após este mês de junho foi solenemente instalada a nova paróquia e empossado o seu primeiro vigário o Rev.mo Pe. José Maria Jacobs, estando presentes a este ato todas as autoridades civis do lugar, os quais assinaram o respectivo auto conforme está no livro de Tombo, às folhas 1 e 2. A nova paróquia confrontava ao leste com a paróquia de Gaspar, ao norte com a de Joinville, ao oeste com os distritos de Curitiba e Lages e, no sul com as vertentes dos Rios Itajaí-Açu e Mirim, que formavam os seus limites, compreendendo um vasto sítio de imensa mata virgem, interrompido aqui e acolá por uns vinte núcleos coloniais mais ou menos. Aos primeiros colonos, que eram exclusivamente alemães, foram-se ajuntando no correr dos anos, colonos de outras na-



cionalidades, mormente italianos, poloneses e umas famílias luso-brasileiras.

O Rev. mo Pe. José Maria Jacobs trabalhou com zelo extraordinário no desenvolvimento da paróquia, ora na matriz tornando-a uma casa digna do culto divino, dotando-a a seu custo de alfaias e imagens, ora na instrução da juventude, abrindo escolas e colégios. O colégio de São Paulo fundado em 1885 foi por muitos anos o único instituto de ensino superior nesta província, ora estava o Pe. Jacobs visitando as colônias afastadas, levantando capelas e suavizando de todas as formas, a vida dos primeiros colonos tão cheia de sacrifícios.

Finalmente em 1892, cansado e adoentado por tamanhos trabalhos, com autorização diocesana, fez entrega da sua paróquia com as 13 capelas filiais à Ordem Franciscana fazendo ao mesmo tempo a dita Ordem, doação de todos os bens móveis e imóveis que nesta praça possuía, impondo-lhe a obrigação de serem conservadas e continuadas as suas instituições e, querendo retirar-se para a sua terra natal, veio a falecer na Santa Casa do Rio de Janeiro, vitimado pela febre amarela. Que Deus recompense largamente no céu ao seu servo fiel que soube tornar-se merecedor de eterna gratidão desta paróquia.

Estando confiada a cura de almas deste distrito à Ordem de São Francisco, em particular ao respectivo superior do Convento, que em breve foi levantado nas proximidades da matriz. Teve esta paróquia a honra da visita canônica de seus Superiores Diocesanos a saber: rina e Paraná; em 1905, de seu sucessor, o Ex.mo e Re.mo Sr. Dom José de Camargo Barros, primeiro bispo dos Estados de Santa Catarina e Paraná; em 1905, de seu sucessor, o Ex.mo e Rev.mo Sr. Dom Duarte Leopoldo da Silva; em 1909, a visita do primeiro bispo do estado de Santa Catarina, Dom João Becker e, em 1915 a de seu sucessor, o Ex.mo e Rev.mo Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Precisando os franciscanos de uma parte do vasto terreno da matriz para a construção do convento, a autoridade diocesana fez doação deste terreno como a ele se refere o despacho lançado no livro de Tombo, à folha 29 verso.

Tendo crescido rapidamente o número de colônias e capelas no quadro desta extensíssima paróquia, foi separado da mesma em 1901 por Dom José de Camargo Barros, o distrito de Rodeio e elevado à categoria de paróquia independente; em 1911 foi separado o distrito de Massaranduba por Dom João Becker e em 1912 o distrito de Luiz Alves pela mesma autoridade diocesana, ficando desta maneira reservada à paróquia de Blumenau a parte sudeste do antigo distrito da colônia com umas 8 capelas filiais e um número total de 5 para 6 mil católicos.

Sob a direção espiritual da Ordem Franciscana esta paróquia tem progredido extraordinariamente não somente no que diz respeito ao número de fiéis, mas principalmente no desenvolvimento brilhante da vida católica pela regularidade e beleza das funções do culto e das festas católicas, pela facilidade crescente de comunicação com a sede paroquial e mormente pelo zelo e a atividade dos vigários que souberam impulsionar a prática da vida cristã por meio de Missões,



catequese, conferências, associações (Apostolado, Filhas de Maria, Ordem Terceira, Mães Cristãs, Irmãos de São José) por numerosas escolas paroquiais e pela boa imprensa, que tudo atestam os algarismos do quadro sinóptico que segue:

Ano de 1895: Paroquianos (4-5.000), Batizados (297), Casamentos (47), Confissões (3.900), Comunhões (4.000), Práticas (200), Escolas Paroquiais (6), Alunos (250).

Ano de 1905 (sem rodeio): Paroquianos (6-7.000), Batizados (400), Casamentos (46), Viáticos (150), Confissões (16.000), Comunhões (38.000), 1<sup>as</sup>. Comunhões (130), Catequese e Conferências (1.085), Práticas (500), Irmandade da Ordem Terceira (230), Irmandade do Apostolado (800), Filhas de Maria (200), Damas da Caridade (120), Irmandade de São José (100), Escolas Paroquiais (21), Alunos (600).

Ano de 1915 (sem Luiz Alves e Massaranduba): Paroquianos (7-8.000), Batizados (470), Casamentos (50), Viáticos (180), Confissões (26.000), Comunhões (66.000), 1<sup>as</sup>. Comunhões (460), Catequese e Conferências (1.250), Práticas (520), Irmandade da Ordem Terceira (200), Irmandade do Apostolado (1.250), Filhas de Maria (180), Damas de Caridade (130), Irmandade de São José (120), Escolas Paroquiais (12), Alunos (500).

Vigários de Blumenau até 1915:

1861-1870 — Pe. Alberto Francisco Gattone (vigário de Gaspar).

1870-1873 — Pe. Guilherme Roemer.

1873-1876 — Pe. Carlos Boegershausen (vigário de Joinville).

1876 — Pe. João Maria Cybeo, jesuita missionário.

1876-1892 — Pe. José Maria Jacobs, primeiro vigário colado.

1892-1895 — Pe. Fr. Zeno Wallbroehl, franciscano.

1895-1898 — Pe. Fr. Herculano Limpinsel, franciscano.

1898-1902 — Pe. Zeno Wallbroehl, franciscano.

1902-1904 — Pe. Wendelino Winkens, franciscano.

1904-1905 — Pe. Chrysólogo Klampmann, franciscano.

1905-1909 — Pe. Marcelo Baumeister, franciscano.

1909-1911 — Pe. Oswaldo Schlenger, franciscano.

1911-1912 — Pe. Solano Schmitt, franciscano.

1912-1914 — Pe. Oswaldo Schlenger, franciscano.

1915 — Pe. Marcelo Baumeister, franciscano.

---

## ECOLOGIA

# DEVASTAÇÃO DOS MATOS (Continuação)

No nosso último número tratamos, em traços gerais, do problema do reflorestamento para só no presente artigo demonstrarmos, a vista dos exemplos e das lições da história, as consequências funestas de uma exploração insensata das riquezas florestais tanto sob o ponto de vista econômico como em relação geral ao solo cultivado.

De todos os países que primeiramente têm constatado e reco-



nhecido prejuízo incalculável e os danos irreparáveis da devastação das florestas, figura em primeiro lugar a Alemanha que também foi o primeiro país que tomou as medidas mais eficazes para desfazer semelhantes males. Antigamente o território da Alemanha achava-se coberto de espessas e densas florestas virgens, como as que cobrem hoje em dia grandes extensões do continente sul-americano. Somente decorridos dez séculos da nossa era iniciou-se uma forte e ativa colonização, cujo desenvolvimento progressivo trouxe a derrubada de extensos matos. Poucos séculos depois já se reconhecem as consequências fatais das derrubadas sem método especialmente a falta sensível de madeiras, mas também as mudanças desfavoráveis que se fizeram sentir no clima do país, mudanças essas que por sua vez, muito desfavoravelmente acharam sobre a agricultura, foi assim que, já no século quinze foram tomadas medidas, cujo conjunto se pode denominar o começo de uma economia florestal organizada. Os documentos existentes nos arquivos das cidades medievais acerca dos direitos de cidade, muito eloquentes e curiosas informações dão a respeito. Procedeu-se de maneira a dividir as florestas de grandes extensões em partes determinadas e destinadas a serem derrubadas em tempo, uma após outra, em espaços calculados para possibilitar o reflorestamento das parcelas derrubadas. Contudo pode-se constatar até o século XIX devastações de florestas de grande vulto, derrubadas sem método e de ruinosas consequências, como por exemplo na montanha denominada de Eifel, na Rhoen, no Vogelgebirge, nos terrenos adjacentes ao mar báltico. Tais devastações e orgias de derrubadas transformaram profundamente o clima das citadas regiões, tornando o clima menos benigno e os terrenos, que antes quase todos eles de boa qualidade, em plagas de fertilidade muito reduzida. A população rural dessas zonas empobreceu devido ao fato de suas terras produzirem hoje pouco em consequência das devastações frenéticas. Nos tempos modernos muito tem sido feito para desfazer os grandes prejuízos indicados, graças ao serviço florestal organizado solidamente que assim também beneficia a propriedade particular outrora danificada grosseiramente por ignorância ou ganância.

O exemplo clássico de uma devastação fanática das selvas, tem dado a Itália. E bem que o governo italiano avalie a existência dos matos italianos em 5 milhões de hectares, contudo é verdade ser apenas a quinta parte da extensão avaliada coberta de matos que mereçam a denominação de matos. Da mesma maneira como os venezianos, durante séculos, exploraram os magníficos matos de pinheiros que outrora existiam nos alpes meridionais, na Istria, Dalmacia e na Carniola, destruindo as florestas brutalmente para construir as madeiras obtidas as suas esquadras e deixando atrás uma região completamente desnudada a qual hoje é a zona triste e desoladora do chamado "Karst". Da mesma maneira também os destruidores impiedosos de florestas executaram a sua obra funesta na Itália Central e Meridional, destruindo as soberbas matas dos Apeninos, os carvalhos da Campânia, da Apulia e da Sicília. Daí, como consequências fatais, extensões vastas de territórios secos, estérís, cujas populações famintas mor-



riam de inanição. Pois tal estado de coisas chegou ao cúmulo da Itália importar lenha, por via marítima. Quanto as modificações de clima começarem a fazer-se sentir os efeitos terríveis das tempestades do siroco, vento sueste do Mediterrâneo e vindo dos desertos africanos, siroco esse que com o seu bafo quente e abrazador estiola quaisquer lavouras. O solo fértil da superfície via-se sujeito as inundações destruidoras que levaram, levando-a a camada fértil e fofa do solo. O mesmo podia ser observado em todos os países europeus meridionais que, há um milênio, ainda tinham intermináveis florestas colossais, tão grande que, se houvesse sistema na exploração das riquezas florestais, nunca seria necessário esforço nenhum no sentido de combater a devastação das florestas. A Espanha parcialmente tem se tornando deserta. Portugal ficou muito mais pobre, porque a sua situação no litoral seduziu muito mais ainda a exploração das florestas. Os países balcânicos (Grécia e Trácia) outrora tinha florestas esplêndidas, hoje não têm mais matos de importância. E nada se faz lá para o reflorestamento. A Inglaterra tinha imensas florestas. Desde o século XVII começou a exploração sem escrúpulos numa devastação somente ultrapassada pela que se efetuou na América do Norte.

Estudando agora o assunto do novo continente, muito lastimamos que todos os pecados da velha Europa, perpetrados contra o mato, se repetiram aqui no nosso continente em escala maior ainda e com muito mais atrocidade. Muito especialmente o procedimento da América do Norte na destruição da floresta não tem exemplo na história da silvicultura. Primitivamente a América do Norte estava quase que inteiramente coberta de florestas. Pois também os estepes da bacia do Mississipi eram antes cobertas de mato, destruído depois pelos indígenas nas suas lavouras rudimentares. Pouco a pouco os matos transformados assim em terrenos de lavoura primitiva transformaram-se, abandonados pelos seus cultivadores nômades em estepes. A imigração européia, progredindo com espantosa rapidez, com a mesma rapidez extinguiu a floresta, fanaticamente. As construções das estradas de ferro, na direção de leste para oeste, compreenderam a destruição rápida de milhões de hectares de mato. A indústria de artefatos de madeira, engrossando com rapidez estupenda, e a própria lavoura exploraram o mato sem método nenhum, executando-o a ferro e fogo. Com uma indiferença incompreensível o povo americano assistiu ao desaparecimento dos seus matos. Os apelos dos sensatos e experimentados de nada tem valido. Somente nos últimos anos, sob o presidente Roosevelt, tem se reagido vigorosamente contra a loucura destruidora. A energia criteriosa e a circunspeção progressista de Roosevelt souberam elevar a silvicultura e a economia florestal a tão alto grau que, se apresenta hoje como um dos ramos mais proveitosos da administração pública. Aproveitando os sistemas alemão e francês, imprimiu Roosevelt ao serviço florestal norteamericano o cunho de um serviço modelar. Também a América do Norte sofreu grandes modificações de clima devido as derrubadas gigantescas. As inundações catastróficas, ocorridas nos últimos decênios nas estações fluviais, e o nível extremamente baixo dos rios nas estações secas, as mudanças bruscas de temperatura e do tempo, mesmo os tornados terríveis especialmente frequentes nos



últimos anos, todas as referidas inconveniências e perigos, danos e prejuízos são as consequências das loucas devastações das florestas, segundo dizem os entendidos na matéria.

Se a América do Sul hoje ainda sofre as consequências das derubadas em grande escala, deve-se isso ao fato da colonização progredir mais lentamente do que na América do Norte. Entretanto, os países da América do Sul, com ricas e extensas florestas, especialmente o Brasil, parece que estão no melhor caminho para praticarem erros a respeito do que expusemos, erros esses que não deveriam ser repetidos, graças as experiências feitas com prejuízo por outros países, erros esses cujas consequências fatais poderão ser remediadas somente pelo esforço inteligente e o sacrifício de gerações. Tudo que se refere ao Brasil e a situação especial em face do problema florestal, será ventilado em artigo especial no próximo número.

Dr.F.K.

---

## Primeiro Ofício de Registro de Imóveis completou 100 anos de instalação

Um acontecimento histórico registrou-se no mês de março deste ano, relacionado com os cartórios de Blumenau. É que, no dia 14 de março, o Primeiro Ofício de Registro de Imóveis de Blumenau, completou cem anos de instalação, ou seja, pouco depois da criação da Comarca de Blumenau.

O acervo existente nos arquivos deste Primeiro Ofício, preserva, assim um século de história, envolvendo desde o mais humilde proprietário de imóvel, à mais graduada autoridade, num total de mais de 110 mil documentos.

O primeiro título recebido pelo cartório instalado a 14 de março de 1890, foi o de Registro Geral Hipotecário da Comarca de São Paulo de Blumenau, cujo primeiro oficial foi Elesbão Pinto da Luz. Este fato também foi marcado por tragédia, uma vez que, com a Revolução Federalista de 1891, Elesbão Pinto da Luz foi perseguido e preso, sendo logo após fuzilado por tropas legalistas do

Marechal Floriano Peixoto, em Desterro. Sucedeu-o então o sr. Fides Deeke, o qual exerceu as funções de oficial do registro até 1921.

O que marcou pontos históricos na vida do Registro de Imóveis de Blumenau, foram os assentamentos dos primeiros títulos de propriedade, repassados pela família do Dr. Blumenau a novos proprietários. Essas transferências foram feitas pelo procurador do Dr. Blumenau, o belga Henrique Ave Lalleman, já que o Dr. Blumenau já se encontrava na Alemanha, junto com sua família.

Embora Elesbão Pinto da Luz tenha sido o primeiro Oficial daquele Registro, seu nome não consta do termo contido no Livro Provisório nr. 1, ou seja, o termo de instalação, ocorrido no dia 14 de março de 1890. O referido termo foi dado pelo juiz Pedro Celestino Felício de Araújo e a respectiva ata foi elaborada pelo oficial nomeado, Fides Deeke, que



exercia então as funções de escrivão de órfãos nos termos dos avisos nr. 289, de 17 de setembro de 1867 e de 6 de outubro de 1871, do Ministério da Justiça. Este primeiro livro foi destinado para protocolo de diversas finalidades.

O primeiro registro no recém criado Primeiro Ofício de Registro de Imóveis, ocorreu no dia 24 de março, ou seja, dez dias após. Foi uma escritura de compra, passada pelo escrivão titular, de propriedade do cidadão Carlos Jensen, cujo termo foi mais tarde registrado no livro nr. 4, de inscrição especial. O segundo registro, foi do conceituado e célebre Dr. Fritz Müller, e tratava-se de uma escritura de dívida de hipoteca. Isto aconteceu no mesmo dia 24 de março. Outro blumenauense de destaque que preencheu a terceira lacuna, foi Henrique Probst, procurador de Asseburg e Willerding. Tratava-se de uma escritura de transferência de hipoteca.

Depois destes primeiros registros, outros assinaram nos livros oficiais, por registros de imóveis, como sejam, autoridades muito conhecidas como Victor Konder, ex-ministro da Viação de obras Públicas, Carlos Rischbieter e, mais recentemente, Udo Deeke e Jorge Konder Porphausen, além de Antônio Konder Reis, etc.

Até o dia 30 de dezembro de 1975, ocorreram, no Primeiro Ofício de Registro de Imóveis, 89.648 registros. Dali em diante, a sistemática do serviço passou a denominar-se "matrículas", tendo, daquela data até o dia 13 de março, sido registradas 20.444 matrículas.

Em 16 de novembro de 1921, o velho oficial Fides Deeke foi substituído por Roberto Baier, que

até então já era oficial substituto, e que então foi efetivado no cargo. Permaneceu em atividades até 1961, quando passou o cargo a Getúlio Braga, aposentando-se. Getúlio Braga exerceu aquelas funções por pouco mais de um mês, passando então a titularidade do cartório do Primeiro Ofício de Registro de Imóveis ao então oficial substituto Roberto Baier Filho, que, por sua vez, cerca de 24 anos mais tarde, ou seja, em 1985, aposentou-se e transferiu o cargo a seu filho Oto Baier, que exerce tais funções até os dias de hoje.

Um dos fatos mais importantes que marcou, até aqui, a trajetória do 1º Ofício de Registro de Imóveis, foi, sem dúvida, o grande incêndio que destruiu parte da antiga Prefeitura Municipal, na qual, além do Fórum, também funcionava este Cartório. Por sorte, o acervo do mesmo havia sido transferido, semanas antes, para uma sala do lado oposto do Fórum, tendo as chamas, no entanto, atingido grande parte do arquivo histórico da cidade ali também existente, salvando-se, no entanto, o Cartório, do qual, em tempo e, com a ajuda de populares, foi possível retirar todos os livros e móveis da ala sinistrada. Milagrosamente, pois, salvaram-se importantes documentos que hoje fazem parte da história de Blumenau, guardados com muito zelo naquele cartório.

A afirmação de que no Primeiro Ofício de Registro de Imóveis está boa parte da história de Blumenau e da região, justifica-se pelo fato de que, quando da instalação do mesmo, Blumenau era uma colônia com um vasto território. Os limites do município, naquela época, iam, desde Gaspar



até muito além de Rio do Sul, estremendo-se com o grande município de Lages. Grande parte das propriedades existentes naquela época, teve seus registros no 1º Ofício e que, no decorrer dos anos, com as emancipações de diversos municípios da região, teve seus desmembramentos.

Os 100 anos ora registrados pelo 1º Ofício não significa apenas um marco histórico para Blumenau, mas também uma harmonia

entre o homem encarregado de registrar propriedades e o cidadão. O perfil deste profissional que é o Oficial de Registro de Imóveis, segue ainda um parâmetro que se identifica com a Geografia e o Direito, com uma boa dose de história. E ainda muito importante, é o fato de ser um agente de fiscalização tributária, que garante um dos pontos fundamentais de nossa Constituição Federal, ou seja, o direito da propriedade.

---

## CARTAS

---

Da escritora Urda Alice Klueger, recebemos a seguinte carta:  
"Blumenau, 14 de março de 1990

À Revista  
Blumenau em Cadernos  
Nesta

Prezados senhores:

Com todo o respeito que devo ao sr. Hermes Justino Patrianova (posso o seu interessantíssimo livro) e aos demais pesquisadores e botânicos por ele citados à pag. 56 dessa revista, no mês de Fevereiro do corrente ano, creio que devo acrescentar uma informação.

O caro colega escritor define taiá como "erva de talos grossos e folhas verdes, estas que são comestíveis, uma vez que os seus tubérculos, finos como dedos, são ardidos à nossa língua". Creio que, então, devem existir pelo menos duas espécies de taiás, o que poderia sugerir toda uma nova discussão sobre o nome de "Rio dos Taiás", pois sou uma pessoa que se criou comendo taiá e, que ainda hoje, às vezes encontra taiá à venda na verdureira onde costuma fazer compras, e ele é outra coisa totalmente diferente.

O taiá que conheço tem folhas verdes e grandes, parecidas com as do inhame, e tubérculos deliciosos, de tamanho razoável, jamais "finos como dedos" e jamais, mesmo, "ardidos à nossa língua". Já comi muito tatá pela à vida à fora, como também o comeu minha família, espalhada por diversas regiões de Blumenau, por Lontras e Rio



do Sul, e como o comiam as pessoas da minha rua e bairro onde morava em Blumenau (Garcia).

Acho que vale a pena contar as minhas relações com o taiá. Na década de 1890, quando meu bisavô emigrou para o Brasil e foi morar na região onde hoje fica a Usina Palmeiras, em Rio dos Cedros, no meio da mata virgem, a primeira plantação que ele fez foi de taiás, infelizmente, destruída por porcos do mato que ambicionavam os deliciosos tubérculos. Muito mais tarde, lá pelas décadas de 1950/1960, quando eu era criança/adolescente, plantávamos taiás no quintal de nossa casa, como outros vizinhos também o faziam, mas ele também crescia espontaneamente à beira do ribeirão que serpeava pelo vale onde morava (Rua Antônio Zendron-Garcia-Blumenau), à semelhança do inhame, mas com uma diferença fundamental: o inhame era alimento para porcos e gado, enquanto que o taiá era alimento para mesas de pessoas. Comia-se o taiá cozido, com molho e carne (uma delícia), e se sobrava, era picado como o aipim e frito em toicinho para a refeição seguinte. Comia-se taiá em sopas e, eventualmente, era usado, como o aipim, na fabricação dos saudosos pães de casa.

Com o passar dos anos e com a conseqüente mudança de vida que ocorreu por aqui, com a existência cada vez menor de casas com quintais produtores de alimentos, o taiá foi ficando mais raro, mais difícil de ser encontrado e, como já citei antes, eventualmente ainda aparece na quitanda onde faço compras. Lembro perfeitamente que em 1985 comi taiá num restaurante em Indaial/SC.

Acho que se fizer uma pesquisa, dificilmente se encontrará em Blumenau e outros lugares do Vale do Itajaí pessoas que tenham pelo menos a minha idade e que não tenham comido taiá na vida. Há que se lembrar o fato de que, em 1890, portanto, a um século atrás, meu bisavô ter feito, como sua primeira plantação, uma de taiás, num lugar, então, distante e inóspito, onde era difícil de se conseguir sementes. Penso que ele teria carregado sementes mais leves para plantar nos 30km que o separavam do lugarejo mais próximo, e não tubérculos de taiás, o que me faz pensar com muita seriedade que a planta era nativa também da região de Rio dos Cedros.

Senhores, sem dúvida que temos aí dois tipos de taiás: o ardi-do, do qual se comem apenas as folhas, citado pelo escritor Hermes Justino Patrianova, e o outro, o de tubérculos gostosos, do qual as folhas são dadas para as galinhas ou o gado, sem dúvida muito conhecido no Vale do Itajaí. Como agora os taiás já são dois, creio que é possível discutir-se mais sobre o "Rio dos Taiás" e, quem sabe, chegarmos a novos caminhos até aqui não pensados ainda. Talvez outros leitores dessa revista, conhecedores do taiá comestível, também se manifestem.

Curiosa a respeito da continuação de tal polêmica, apresento-lhes os meus protestos da mais elevada estima e consideração.

**Urda Alice Klueger**



## Waldemar Thiago de Souza e sua família de atletas

A partir da década de 1980, tem sido comum encontrar-se, na maioria das competições esportivas de caráter amadorista — atletismo, corrida de fundo, etc, numerosos atletas que pertencem a uma só família. Trata-se da hoje conhecidíssima e aplaudida família de atletas Thiago, filhos de um dos mais destacados corredores de todos os tempos na história esportiva de Blumenau e Santa Catarina, que é Waldemar Thiago de Souza.

A presença desta família de atletas, filhos e filhas que seguiram a vocação de seu pai, acontece em quase todas as competições que se realizam no Estado, assim como em diversas cidades do Paraná e até do Rio Grande do Sul.

Nos dias de competição, lá estão, comandados por Waldemar Thiago, atravessando hoje os seus 64 anos de idade, aqueles rapazes e moças, alguns já casados, e até uma nora de Thiago também compete na mesma modalidade do marido.

E convenhamos que a intervenção da Família Thiago nestas competições das quais participaram sempre os melhores atletas do Estado e lá fora, dificilmente ou quase nunca saem os membros desta família, das tais competições, sem levar troféus e medalhas. Por isso mesmo, é imensa a quantidade de troféus e medalhas que cada um dos filhos de Thiago possui. Naturalmente que o maior e valiosíssimo acervo pertence ao próprio grande atleta que durante mais de duas dezenas de anos fez vibrar a torcida blumenauense com suas conquistas em competições de 10 e de 5 mil metros, além de maratonas diversas. Waldemar Thiago também sempre representou condignamente Santa Catarina na Corrida de São Silvestre, em São Paulo, obtendo não raras vezes ótimas classificações.

Na condição de atleta que soube sempre honrar as tradições esportivas de Blumenau que vem desde a sua fundação no século passado, Waldemar Thiago sempre foi considerado, pela imprensa blumenauense e de Santa Catarina uma das glórias do nosso atletismo, nunca deixando de aperfeiçoar-se fisicamente para sempre desempenhar cada vez melhor sua missão de defender o esporte blumenauense e também catarinense.

A sua origem é das mais modestas, qualidade que sempre o caracterizou, conseguindo, inclusive, educar seus filhos dentro do espírito de elevado sentido moral, fraterno e humilde.

Waldemar Thiago de Souza, nasceu a 23 de abril de 1926 na localidade de Espinheiro, município de Itajaí. Seus pais logo após seus cinco anos mudaram-se para Ilhota, onde ele viveu sua infância e juventude. Fez, naquela localidade, seus estudos primários, frequentando a escola Municipal. Seus pais chamavam-se Thiago Romualdo de Souza e Maria Cantídia.



Até os 7 anos de idade, o pequeno Waldemar era um menino muito doente e raquitico. Parecia até que não chegaria à idade adulta. Apesar dos cuidados de seus pais, ele não conseguia se desenvolver satisfatoriamente.

Certo dia, alguém aconselhou o pai de Waldemar a lhe dar uma forte dose de leite de figueira, uma espécie de árvore que produz este líquido e que os pioneiros colonizadores desta região do Vale do Itajaí utilizavam bastante como medicamento contra o enfraquecimento físico das pessoas.

Waldemar tomou uma dose de leite de figueira. Atravessou dias em que se colocava em dúvida se viveria, pelos efeitos causados pelo remédio. Todavia, resistiu bem e o remédio lhe fez voltar à forma física ideal, tornando-se um menino saudável, cheio de vontade de exercitar-se, alegre e mais dedicado aos estudos. Já naquela idade, procurava praticar tudo o que é de esporte que lhe fosse possível fazê-lo, a começar pelos exercícios escolares. Com isso, sua compleição física, apesar de sua baixa estatura, foi se desenvolvendo, seus pulmões tornaram-se fortes e ele passou a ser o pequeno atleta que mais tarde haveria de empolgar as platéias. O primeiro esporte pelo qual ele se apaixonou foi o futebol. A época era de penúria econômica, especialmente para sua família. Também os seus demais colegas de folguedo eram todos de origem muito pobre. Por isso, a diversão dos meninos, na prática do futebol, se acentuava muito mais no inverno. Explica-se: não possuíam recursos para comprar bola de borracha. Era difícil até às vezes de compor uma bola feita de pano, porque todos os trapos eram aproveitados em casa para remendos nas roupas. Assim, eles utilizavam-se de laranjas, ainda verdes, para praticar seu futebol. Por isso, o inverno, época da produção de laranja, lhes permitia incrementar mais folguedos futebolísticos. No verão, quando escasseava a laranja, alguém sempre conseguia uns trapos e meia furada, com o que faziam a bola para jogar, embora a duração da mesma fosse de tempo limitado.

No ano de 1937, seus pais mudaram-se para Blumenau. Waldemar contava onze anos de idade. Tão logo instalaram-se em Blumenau, o menino procurou auxiliar os pais na sobrevivência, passando a vender doces, pelas ruas da cidade. Tornou-se bem conhecido pelo seu exemplar comportamento. Tanto assim que mais tarde lhe confiaram a venda de jornais e revistas, jornais como "O Dia", de Curitiba, as revistas "A noite ilustrada", "Vamos ler", "A Carioca" e outras. Além de vender doces em horas escolhidas e os jornais e revistas, Waldemar também montou uma engraxadeira de sapatos e, na qualidade de engraxate, também arrecadava uns bons trocados para auxiliar seu pai nas despesas da casa. O seu trabalho de engraxate, ele desempenhava junto à "Engraxataria Ponto Chic".

Dos treze aos quinze anos trabalhou na Companhia Gropp, situada à Rua Itajaí, em cuja empresa desempenhou funções na secção de colagem de compensados. Era um trabalho que não o atraía muito, mas desempenhava com dedicação, porque servia para o seu sustento e o de seus familiares. O importante para ele, foi sempre o trabalho.



Entretanto, desde que chegou a Blumenau, Waldemar sempre procurou, após o trabalho do dia, praticar futebol, pelo qual sempre fora um apaixonado. Realizava, aos sábados ou domingos, suas partidas, integrando equipes em movimentadas peladas, que lhe permitiram tornar-se um excelente jogador, apesar de sua baixa estatura. Por isso, foi convidado a jogar no juvenil e na equipe de aspirantes do Palmeiras, em cujas equipes sempre se destacou pela sua dedicação e movimentação em campo, já que sempre fora dotado de um preparo físico invejável.

Era ele ainda atleta do Palmeiras, quando foi indicado entre outros colegas para fazer a primeira corrida conduzindo o fogo simbólico, isto quando possuía 16 anos de idade.

Foi com a idade de dezesseis anos que Waldemar perdeu seu pai. Era seu pai o seu melhor amigo e sempre o aconselhava a praticar com dedicação o esporte, dizendo-lhe que o seu destino, um dia, era o de tornar-se um afamado atleta.

Não deixou, por isso, de seguir os conselhos de seu pai e continuou a jogar futebol e praticar atletismo sempre que podia. E com a morte de seu pai, Waldemar empregou-se numa fábrica de artefatos de madeira que funcionava no local aonde hoje se encontra os fundos da Casa Flamingo. A firma pertencia ao sr. Leonardo Schlosmacher. Sua função era a de aprendiz de torneiro. Dedicou-se com entusiasmo pelo aprendizado, tornando-se, em pouco tempo, um dos melhores artífices daquela profissão, executando trabalhos magníficos. Esta dedicação e amor pela profissão que abraçou a partir daquela época, é que lhe garantiu o futuro que hoje desfruta com sua família.

Mas, voltando ao esporte, Waldemar acabou descobrindo, graças à sua extraordinária resistência física, a condição de fundista. Assim, participou, juntamente com atletas de nome já consagrados, da sua primeira corrida de fundo, percorrendo oito quilômetros, fazendo-o sem maiores pretensões, mas surpreendendo a si próprio, ao conquistar entre os já renomados atletas, um honroso quarto lugar. Com este resultado, Waldemar empolgou-se e compreendeu que seu pai tinha razão ao afirmar que ele seria um afamado atleta. Era então só persistir nos treinos intensivos. E tanto se dedicou aos seus preparativos físicos, dividindo seu tempo entre o trabalho e o esporte, que participando de uma segunda prova, esta de 10 mil metros, venceu e conquistou assim a sua primeira medalha. Isto aconteceu entre os anos de 1942 a 1943. Aquela empolgante vitória fez com que Waldemar Thiago fosse convidado a integrar o plantel de atletas do Grêmio Esportivo Olímpico. Mas continuou jogando futebol, integrando a equipe da Congregação Mariana, que naquela época, possuía uma equipe respeitável.

A partir daqueles anos — 1943/1944, Waldemar Thiago foi cada vez mais conhecido e aplaudido nas pistas não só de Blumenau mas do Estado e fora deste também.

Das milhares de competições que então passou a realizar, diz ele que a sua maior emoção foi quando participou da prova realizada em



Apucarana, no Paraná, isto no ano de 1963, quando já possuía 43 anos e competiu com atletas todos bem jovens, em número de 1.000 participantes, tendo, assim mesmo, chegado em 10º. lugar, pelo que foi muito homenageado. Naquela competição, estavam jovens atletas de todo o país.

Em julho de 1988, após os grandes feitos que o consagraram em sua mocidade, Waldemar Thiago venceu a Segunda Maratona Nacional correndo de Itajaí a Blumenau, na categoria de veterano.

Aos 27 anos de idade, Waldemar Thiago casou com a jovem Lidia Maria da Silva, isto no dia 24 de janeiro de 1953. O casamento nunca o afastou das pistas de atletismo, continuando como o maior fundista catarinense e até mesmo incentivado por sua jovem esposa.

Do feliz consórcio, Waldemar teve a felicidade de ver nascer seus filhos sempre sadios e que em sua maioria trouxeram consigo, o mesmo espírito desportista. Foram dezenove filhos com que o casal foi apresentado, dos quais apenas três faleceram ainda em tenra idade. Eram todos recém-nascidos. Os outros dezesseis filhos cresceram sempre saudáveis e cercados pelo carinho e ternura de seus pais. São eles: Waldemir, Ligia, Sonia, Edgar, Claudio, Vlamir, Neusa, Tiago, Angelo, Pedro Paulo, Angela, Cantídia, Waldemar, Heraldo, Cesar, Sérgio, Luis e Cleide. Destes, tornaram-se consagrados atletas, nada menos do que treze, entre rapazes e moças, contando-se ainda a esposa de Vlamir, de nome Adriane, que, após haver casado, descobriu sua vocação para o pedestrianismo e já tem conquistado numerosos troféus e medalhas. O mesmo acontece com o esposo de Neusa, de nome Celso Peller, que também integra com destaque a equipe de atletas da família Thiago. Todos os filhos de Waldemar, começaram a praticar o esporte ainda bem jovens, a exemplo do pai.

Mas, retornando um pouco mais ao passado, Waldemar deixou o emprego na firma de Leonardo Schlossmacher aos 21 anos de idade, passando a trabalhar com carroça de frete, que naquela época era muito utilizada, fazendo este trabalho por conta própria com o veículo que era seu. Esta atividade ele desenvolveu até aos 27 anos quando casou-se.

Apesar das inúmeras dificuldades que a vida sempre lhe apresentou para sobreviver, Waldemar nunca deixou o esporte. Viveu sempre para o árduo trabalho e para a magia do esporte que era uma de suas grandes paixões como ainda acontece nos dias de hoje.

Waldemar Thiago representou Blumenau em importantes competições no Estado e em outras unidades da Federação, como Rio, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, etc., conquistando sempre troféus e medalhas que foram enriquecendo sua hoje fabulosa coleção.

Para poder viver uma vida mais ordenada à sua custa e criar seus filhos dentro de um padrão moral e de exemplos de trabalho e perseverança, Waldemar resolveu após seu casamento, instalar sua própria fábrica de artefatos de madeira, cuja capacidade técnica havia adquirido quando trabalhou na firma de Leonardo Schlossmacher. Os primeiros tempos foram difíceis, pois era preciso algum capital de giro e ele não o possuía. Mas possuía inteligência e capacidade de trabalho. Assim,



à custa de financiamento de firmas e pessoas amigas que o abasteciam com o material necessário, ele foi vencendo as dificuldades e acabou por construir, finalmente, uma das mais modernas fábricas no gênero, em Blumenau, sendo a sua firma e seus produtos conhecidos e muito apreciados em todo o Estado e até noutros Estados da União.

Esta perseverança profissional e de iniciativa própria, lhe deu condições a que pudesse ir criando seus filhos que iam nascendo, dando-lhes não só conforto necessário, mas o alimento e as atenções médicas para que crescessem com saúde e que futuramente se tornassem também atletas.

A medida que os filhos foram crescendo, passaram a integrar a equipe de atletas, primeiramente mirins, mais tarde juvenis e finalmente adultos, que tantas glórias tem dado ao esporte de Blumenau, disputando provas em todo o Estado e noutras unidades da Federação.

Os rapazes e as moças, sempre unidos, revelaram, como até os dias de hoje, o espírito comunitário e fraterno de uma verdadeira família, tanto assim que, por não desejarem viver muito afastados uns dos outros, os filhos que foram casando, tanto rapazes como as moças, foram construindo suas casas na vasta propriedade que Waldemar adquiriu ainda quando os filhos eram muito pequenos e que se situa no alto de uma das elevações existentes no bairro Garcia. Lá, após construir sua primeira casa que, ao longo dos anos, ficou pequena para a numerosa família, construiu a segunda, bem maior, e foi construindo também as casas para os filhos e filhas que iam casando. Hoje são numerosas as casas já existentes na conhecida "Vila Thiago", de cujo local se descortina uma visão muito bela não só do bairro Garcia como de boa parte da cidade e outros bairros.

Com toda esta luta e dificuldades que sempre enfrentou, Waldemar conseguiu que a maioria dos filhos e até genros trabalhassem consigo, na fábrica de artefatos de madeira, possibilitando assim ampliar a produção e garantir a sobrevivência de todos, além de manter a grande união entre filhos e genros.

Não acontece nenhuma competição de corrida de fundo em Santa Catarina, em que a família Thiago não esteja presente em sua totalidade — masculino e feminino, ou pelo menos uma representação da mesma.

O exercício físico de todos é realizado num campo de esportes que ele conseguiu construir próximo a sua residência, lá no alto. Ali se pratica o exercício físico de corrida, assim como disputam-se acirradas partidas de futebol entre os familiares e equipes que os visitam todos os fins de semana quando não estão disputando competições lá fora. Isto une ainda mais a Família Thiago, cujos exemplos por certo, também serão seguidos pelos netos de Waldemar que, aos poucos, vão nascendo e que já constituem quase uma dezena. Eles, por certo, empolgados pelo que vão observando de seus pais e avô, acabarão mantendo a tradição esportiva da família ao correr dos próximos anos.

Mas, não poderíamos encerrar este registro da vida desta figura extraordinária que é Waldemar Thiago de Souza e de sua dedicada



esposa dona Lídia, mãe de dezenove filhos, sem registrar, também, o número de troféus e medalhas até agora conquistados pelo valoroso atleta e também os que foram conquistados por seus filhos, filhas, genro e nora. Vamos, pois à estatística, que haverá de impressionar pelo número que for surgindo:

Waldemar Thiago — Conquistou até esta data, março de 1990, nada menos do que 450 (quatrocentos e cinquenta) troféus e 550 (quinhentos e cinquenta) medalhas entre douradas, prateadas e de bronze. Total: 1.000.

Seus filhos, conseguiram o seguinte:

- Cleide, 43 troféus e 197 medalhas — total, 240.
- Angela, 42 troféus e 175 medalhas — total, 217.
- Cantidia, 10 troféus e 75 medalhas — total 85.
- Sérgio, 25 troféus e 145 medalhas — total, 180.
- Eraldo, 4 troféus e 110 medalhas — total 114.
- Waldemar, 20 troféus e 155 medalhas — total, 175.
- Pedro Paulo, 17 troféus e 123 medalhas —total, 140.
- Ângelo, 80 troféus e 190 medalhas — total, 270.
- Cláudio, 2 troféus e 50 medalhas, total, 52.
- Edgar, 29 troféus e 210 medalhas — total, 239.
- Waldemir, 8 troféus e 165 medalhas — total, 173.
- Wlamir e esposa Adriane, 105 troféus e 450 medalhas — total, 555.

— Celso e esposa Neuza, 2 troféus e 20 medalhas — total 22.

Reunindo-se, assim, todos os troféus e medalhas conquistadas por Waldemar Thiago e seus filhos e noras, chegamos ao seguinte: Total de troféus conquistados: 837. Total de medalhas: 2.615 — Total geral: 3.452.

As conquistas da família Thiago, no entanto, não pararam. Após o levantamento que fizemos, com os números acima, os componentes da equipe já disputaram novas provas, conseguindo a conquista de mais troféus e medalhas. Daí concluir-se que, ao correr dos tempos, pelo menos durante o corrente ano, esses atletas que compõem uma equipe em família, comandados pelo patriarca Waldemar, deverão de conquistar muito mais troféus e medalhas, enriquecendo constantemente o grande acervo já existente.

Apesar de já ter atingido os 64 anos de idade, Waldemar Thiago de Souza é sempre o mais ativo e entusiasta do grupo, incentivando seus filhos, noras e até netos que já começam a despontar como futuros campeões, à prática de tão salutar esporte. Ele participa sempre de disputas entre atletas cuja idade varia entre 40 e 60 anos ou mais, alcançando ainda esplêndidos resultados. Seu amor ao esporte, seu entusiasmo pela vida e o exemplo de sua tenacidade em manter-se fisicamente em boa forma, preservando, com isso, a sua saúde, tem sido uma das fortes razões pelas quais seus filhos atletas lhe tem seguido o exemplo.

Este registro, portanto, que fazemos hoje em Blumenau em



Cadernos, haverá de perpetuar um exemplo que as gerações atuais e futuras poderão seguir, visando não somente a alegria nas conquistas esportivas, como também preservar a saúde para uma vida mais longa e venturosa.

As nossas homenagens a Waldemar Thiago de Souza, neste mês de abril, de 1990, quando ainda em plena forma física e conquistando, com vitórias espetaculares nas competições de corridas de fundo, junto com seus filhos, novos troféus e medalhas, atinge os seus 64 anos de uma vida feliz e de tantos e tão belos triunfos, cercado do carinho e do respeito de seus filhos e de admiração da comunidade blumenauense!

## IMARUÍ - INDAIAL

Assumimos compromisso, com a Direção desta Revista — BLUMENAU EM CADERNOS — de extrairmos do nosso livro inédito — TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, um ou mais Topônimos por mês.

### « I M A R U Í

1 — Cidade e Município do Estado de Santa Catarina, antes Vila e Distrito pertencentes ao Município de Laguna, da Microrregião do Litoral de Laguna — Imaruí, Terra do Autor deste Repositório — TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA.

2 — Lagoa da Faixa Sul-Occidental do Estado de Santa Catarina, localizada na Divisa do Município de Laguna com o de Imaruí, ligada à Lagoa-Mirim a Nordeste e à Lagoa Santo Antônio (Laguna) a Sueste, esta última ligada ao Oceano Atlântico, nas aíturas da Cidade de Laguna.

ORIGEM TUPI: IMA (Vazio, ra-

so, baixo) + RUI = RU' (Manso) + Y = I (Água, Rio) = ÁGUA QUE É MANSA POR SER VAZIA = RIO QUE É MANSO POR SER RASO = IMARUÍ.

Esta é a verdadeira origem do Topônimo.

Anteriormente, porém, a versão vigorante era a seguinte: Y = I (Água, Rio) + MBERUI = MERUI, corrompido para MARUI (Mosquito) = MOSQUITO DA ÁGUA = MOSQUITO DO RIO = RIO MOSQUITO = IMERUÍM = IMARUÍ.

Na verdade, o imaginário Rio-Mosquito, a que se faz referência, não passa de um pequeno Riacho: mas o que se supôs ter dado nome ao lugar foi o **Mosquito da Água** ou Merui, que nós o chamamos de **Maruí** ou **Borrachudo** e que nasce nas **Cachoeiras de Água corrente e limpa**, ao contrário dos **pernilongos** ou **carapanãs** e dos **anofelinos**, que se criam nas **Águas paradas**, inclusive nas plantas acáules, como as broméias, mosquitos estes que os Índios vêem nascer do ou no mato...; CARAPANÃ = Borboletinha que nasce no mato = Borboletinha que nasce do mato...



Na nossa versão, que entendemos como sendo a verdadeira, supomos que o índio deva ter imaginado as três Lagoas reunidas, como um Rio: RIO QUE É MANSO POR SER RASO = IMARUÍ.»

## «INDAIAL

Cidade e Município do Estado de Santa Catarina, da Microrregião Colonial de Blumenau.

ORIGEM TUPI: INDAIAL (Terreno plantado com o coqueiro *indaiá*) = INDAIAL, que se decompõe em: Y = I (Caldo, suco, succulento) + NDA (Negativo, não sem) + I (Pequeno, diminutivo) + Á, contração de YBÁ (Fruta, fruto) + AL (Sufixo português de quantidade, abundância) = PLANTAÇÃO DE FRUTA PEQUENA SEM CALDO = POMAR DE FRUTOS PEQUENOS SEM SUCO = PLANTAÇÃO DE INDAIÁ = INDAIAL.

INDAIAL que, anteriormente, teve o nome de INDAIÁ, conservado até 1945, também se chamou, no Mapa da Picada para a Serra, do Engenheiro Emilio Odebrecht, de CARIJÓS (1863), segundo a História de Santa Catarina, de Osvaldo Rodrigues Cabral.

Pesquisando, encontramos ali, na ILHA DO CARIJO (ou Carijós), a

existência anterior de erva-mate e a Tabacaria dos Índios Caranis, que ali receberam o apelido de Carijós.

A origem dos Índios Carijós é, pois, Indaiá!.

Rincão dos Feios — Santa Maria — Rio Grande do Sul, está procurando um nome mais bonito para o seu Município, para a sua Cidade.

Eis aqui a sugestão: O Rincão poderá ser dos Feios, mas é um RINCÃO BONITO!

TELEVISÃO: «Esta é a primeira Páscoa da década a caminho do ano 2.000...»

RETIFICAÇÃO: Esta é a última Páscoa da década (dè-cá-da) de 199 ou de 1990; pois, a década de 200 ou de 2.000 vai ter começo em 01 de janeiro de 1991!

TOP MÔDEL ou TOP MÔDEL — Top model não vem de moda e sim de modêlo, por isto, é Top Môdel.

Conhecemos Famílias de Joinville e de São Bento do Sul, cujas assinaturas são KAESEMODEL, que se pronuncia QUÊSE MÔDEL ou, seja Modêlo de queijo.

**Hermes Justino Patrianova**

---

## Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

**Notícia de 12 de dezembro de 1868:**

Dona Francisca. FALECIMENTO DE AUGUST WUNDERWALD. No dia 4 deste mês, à tardinha, um longo e solene cortejo fúnebre se



locomoveu pelas ruas de Joinville. A imensa massa popular, que acorreu de todos os recantos, a fim de reunir-se ao cortejo, evidenciava tratar-se de personagem que em vida teve muitos amigos e prestou serviços dos mais relevantes à Colônia. Os maçons, os componentes das associações de canto coral existentes em Joinville, os companheiros da Sociedade de Ginástica e da Associação de Amparo aos Enfermos "Zur Brüderlichkeit" (A Fraternidade), o pastor protestante em sua vestimenta, o padre católico, de batina, como particular — todos seguiam contritos e pesarosos. Muitos que, devido a divergências viviam afastados uns dos outros, ali estavam reunidos em face da morte de um dos seus amigos mais próximos, movidos pela mesma dor e pelo mesmo sentimento humano. Ah! — porque não se aproximam assim os seres humanos em face da vida? A pessoa que tantas homenagens recebia após a sua morte, era o nosso engenheiro AUGUST WUNDERWALD, o aferrado, o incansável "escoteiro", que durante 15 anos, foi rompendo a floresta virgem para levar a cultura aqui já radicada, a novos caminhos.

August Wunderwald nasceu a 2 de maio de 1814 em Braunschweig, Alemanha, imigrou no começo de novembro de 1853, encontrado aqui vasto campo para a sua atividade profissional. Além das medições e instituições realizadas na área da Colônia Dona Francisca, ocupou-se com explorações contínuas em regiões até então completamente desconhecidas, somente freqüentadas pelos indígenas, regiões agrestes, de mata virgem e montanhas rasgando assim, a custa de esforço inauditos, de privações sem fim e constantes perigos, a extensa região até Blumenau, no Sul, até Rio Negro no Oeste e Curitiba e Paranaguá no Norte. A sua obra mais importante, pela qual também foi agraciado com a insígnia da Ordem da Rosa, pelo Governo Imperial, foi a exploração difficilima, durante anos a fio, e a fixação de um traçado da estrada, partindo de Joinville, em direção ao Planalto, através da íngreme Serra do Mar, até a antiga colônia alemã do Rio Negro — isto é, a atual Estrada da Serra na qual já se apresenta, atualmente, considerável movimento. Agora mesmo estava ele dando início a uma nova fase de nossa Colônia, fazendo avançar a colonização do Litoral ao Planalto, região, sem dúvida alguma, ainda mais propicia ao colono alemão. Nosso Wunderwald, embora já sofrendo de crises da enfermidade que afinal o vitimou, não se deixava abater, e envidou esforços inauditos, para levar a bom termo, e o mais rápido possível, a sua tão promissora obra. Mas o destino não o permitiu, pois o agravamento de seu estado de saúde lhe impôs um alto! imperioso. Enfermo, extenuado voltou do Planalto ao seio da família e todos os cuidados médicos foram inúteis para estagnar o progresso da crise até o desenlace fatal. Após ingentes sofrimentos adormeceu ele a 3 de dezembro, pouco após meio dia, entregando a alma ao Senhor. No dia imediato o corpo foi conduzido ao topo do cemitério local, com préstito dos mais impressionantes, sendo levado ao túmulo em cerimônia tocante e digna do grande homem.

---

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal.



Além de escritor e jornalista, Crispim Mira foi também advogado provisionado, espécie de profissional autorizado a exercer a advocacia de forma limitada, mesmo sem cursar alguma Faculdade de Direito. Essa permissão, por incrível que pareça, vigorou até pouco tempo atrás e foi extinta, senão estou enganado, pelo atual Estatuto da OAB, de 1963. Alguns desses provisionados ficaram notórios pelo pitoresco das atitudes e outros pela cultura jurídica, combatividade e competência profissional em nada inferiores a doutores e bacharéis.

Entre estes últimos coloca-se, sem dúvida, o advogado Crispim Mira, tão lutador na tribuna forense quanto nas páginas da imprensa. Ele próprio aludiu à "combatividade e à energia de que os antepassados nos fizeram herdeiros" na dedicatória de trabalho forense a um presumível parente. Embora pouco exercesse a profissão, mais interessado pelas coisas jornalísticas, deixou publicadas algumas peças jurídicas que revelam competência e dedicação na defesa de seus constituintes. "Ação de manutenção" (1907). "Ação de indenização" (1921), "Habeas-Corpus" (1923) e "Suspeição" (1923) são trabalhos forenses que deixou publicados, coerente com o costume da época e dar a público peças processuais julgadas de maior relevo profissional, evitando assim que se perdessem no bojo de empoeirados processos.

Entre esses trabalhos, por sua curiosidade, merece um comentário o segundo acima referido — "Ação de indenização". Trata-se de um opúsculo com 24 páginas, impresso pela Tipografia Schwartz (Joinville — 1921), contendo a íntegra das alegações finais numa ação de indenização por calúnia em que Crispim Mira foi o patrono dos autores. Nessa época vigorava o Código Processual do Estado de Santa Catarina, antes da unificação do Direito Processual, realizada pelo diploma adjetivo de 1939.

Nesse caso, Crispim Mira postulava do réu Antônio Pedro de Mira (seu parente?) uma indenização no juízo cível em favor dos autores Galdino Evangelista de Carvalho e José Serapião de Carvalho, por ter sido este último, menor de idade, acusado injustamente da prática de furto e ferimentos, por parte do réu, o que lhe valeu processo e prisão, embora se comprovasse, mais tarde, a absoluta inocência do acusado, enredado nas malhas da Lei como autêntico bode expiatório. Essa acusação caluniosa constitui ofensa à honra do autor, legitimando-o a promover a respectiva ação, assistido pelo pai, — o primeiro dos autores, — por ser menor.

Escrita em estilo límpido, a peça forense expõe os fatos com grande clareza. Dividida em tópicos, vai se desenvolvendo de maneira lógica, procurando cercar todos os ângulos do caso, jurídicos ou fáticos, de forma a não deixar a menor dúvida sobre a procedência da ação. Para essa procedência, dizia o advogado, "força é conjuguem—se estes requisitos: 1 — que o fato arguido constitua dano; 2 — que se



prove a ocorrência de fato ilícito; 3 — que seja caso de indenização; 4 — que quem a pede tenha direito a fazê-lo.”

Partindo dessa síntese, ele se alonga na análise de cada um dos requisitos, firmando-se sempre nos elementos de prova existentes no processo, na palavra dos juristas e na jurisprudência dos Tribunais. A técnica expositiva é perfeita e a leitura, apesar da aridez do assunto, é agradável.

Em tópicos especiais examina o conceito de calúnia, culpa e privação de sentidos, excusa esta invocada pelo réu, pulverizando-a ao peso de argumentos irresponsáveis. É curioso notar que é sempre sério na sua escrita, onde o humor não entra, mesmo quando rebate alegações tão absurdas. Movimenta-se com grande segurança e revela de senoltura no manejo do Direito. Ao contrário do que seria de esperar do seu temperamento arrebatado, não se afasta jamais dos limites. Oferece ao juiz uma argumentação tão cerrada e lógica que exclua qualquer outra conclusão, exceto uma — a irretorquível procedência do pedido. Numa palavra, encosta o julgador contra a parede.

Trata-se, enfim, de um trabalho de qualidade e que seria subscrito sem hesitação por qualquer profissional calejado no exercício da advocacia.

Pena que não se reconheça o desfecho da causa.

## RECONHECIMENTO

No alentado ensaio “A obra de Dom Bosco em Santa Catarina”, onde analisa a atuação salesiana em prol dos imigrantes, o pesquisador Riolando Azzi faz inúmeras citações do livro de José Finardi, “A colonização italiana de Ascurra”, publicado pela Fundação Casa Dr. Blumenau. São inúmeros os trechos transcritos, invocados sempre para sustentar as conclusões do ensaísta, num reconhecimento evidente da seriedade e correção da obra de Finardi. O livro de Azzi é o primeiro volume de uma série e foi publicado pela Editora Salesiana Dom Bosco (São Paulo — 1988).

## FOTOGRAFIA

A UFSC, através da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, promoveu a exposição fotográfica “Mulher”, de autoria do fotógrafo, poeta e contista catarinense Fernando Tokarski. Na ocasião foram mostradas muitas produções de Tokarski, um verdadeiro artista da fotografia, acentuando sempre as características da mulher do Planalto catarinense. O evento foi coroado de grande sucesso.

## HAI — KAIS

O poeta blumenauense Martinho Bruning lançou mais um livro de sua autoria, os “Hai — Kais Escolhidos”. O fato aconteceu no saguão da FURB, quando também se abriu uma mostra de artes e



houve apresentação de harpa. Bruning é um dos mais ilustres poetas de nosso Estado e seu trabalho revela grande dedicação e sensibilidade.

## PALESTRA

Abrindo o ano acadêmico de 1990, quando a Academia Catarinense de Letras comemora seus 70 anos, o acadêmico Oswaldo Della Giustina proferiu palestra sobre o tema "Homem: ser e expressão no 3º milênio", na sede da entidade, no Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis. Todos os eventos deste ano procurarão acentuar os setenta anos de existência da ACL, sua atuação e presença na vida cultural do Estado. Ela foi fundada em 20 de outubro de 1920.

## VISITA

Visitou nosso Estado, em companhia da esposa Maura, o escritor paulista Carmello Chamorro, permanecendo vários dias no balneário de Piçarras e conhecendo outras cidades do Litoral Norte e do Vale do Itajaí. Em Blumenau esteve em visita à Fundação Casa Dr. Blumenau e outros pontos de interesse da cidade. Chamorro, que é cronista, contistas e tradutor do espanhol, tem vários trabalhos publicados e colaborações na série "Em Revista", da Editora do Escritor. Grande conhecedor dos meios culturais da Paulicéia é também membro da UBE.

---

## CASA DR. BLUMENAU recebe trajés típicos

A Fundação «Casa Dr. Blumenau» recebeu dia 12 de março 2 trajés típicos da RDA, terra natal do Dr. H. Blumenau.

Estes trajés originais são uma colaboração da cidade de HASSELFELDE — cidade em que nasceu o fundador de nossa cidade — para as comemorações do 140º aniversário de fundação de Blumenau em 2 de setembro de 1990. Os trajés ficarão sob os cuidados do «Museu da Família Colonial» e serão apresentados ao público pela primeira vez 2 de setembro de 1990, quando serão usados por duas moças blumenauenses, por ocasião da recepção das urnas com os restos mortais de Hermann Blumenau, neto do fundador de nossa

cidade, trazidos de Berlim/Ocidental pela bisneta Jutta Blumenau-Niesel. As urnas terão o seu último lugar no Mausoléu Dr. Hermann Blumenau, junto com os restos mortais do seu avô e familiares.

Explica o sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão do Gabinete do Prefeito, que estes trajés da terra natal do fundador de Blumenau — cada um formado por sete peças — são típicos da região montanhosa e fria, coberta de neve e gelo durante os meses do inverno. Um simples olhar para a saia preta e pesadíssima, faz suar qualquer habitante de regiões sub-tropicais.

**J. Gonçalves**



## Problema das Abelhas e os produtos de açúcar

Nº. 18 Der Urwaldsbote Ano 8.

Sábado, 27 de outubro de 1900.

### A QUESTÃO DAS ABELHAS

“O senhor Wilhelm Wolff pede-nos para publicar o seguinte artigo:

Minha anunciada exposição de artigos usados na apicultura que anunciei para o dia 11 de novembro no salão Paupitz, não acontecerá porque para aquele dia o Volksverein convocou uma reunião. Deve haver aqui um mal entendido. Meu objetivo era levar o debate revoltado para água mais calmas. De que eu não fui compreendido na última reunião de delegados eu sinto muito por causa da apicultura. Minha posição de que não era caso do Volksverein mas unicamente dos apicultores de proteger a si como suas abelhas, foi aceito com aplausos. Como sei me proteger eu esclareço também.

Com novos vizinhos produtores de açúcar eu vivo em paz e por amor à apicultura eu mesmo assumo os custos da proteção. Seja anotado aqui porém que um dos vizinhos rejeitou a minha oferta com as palavras: “Não acredito que venham só tuas abelhas, também vem outros bichos, que me preocupam mais e já protejo tudo por motivo de higiene” Dois de meus vizinhos são principiantes e por isto não aceito deles qualquer apoio. Pois também sei aonde aperta o sapato a um principiante. Que a proteção traz gran-

des despesas não é caso, principalmente nas pequenas instalações como as de meus vizinhos. Como as instalações dos produtores de açúcar variam, a proteção também terá que ser de acordo, pensado e adaptado. O apicultor não perde tantas abelhas e o fabricante de açúcar não fica com tantos bichos no melado. A afirmação de que é impossível cobrir os recipientes na fábrica, acho ridículo. Já foram feitos descobrimentos bem maiores, que exigiram bem mais imaginação.

No que se refere ao molestarmento das abelhas durante a fabricação, creio que posso afirmar com certeza que a mesma não acaba de todo, mas será reduzida com uma proteção prática. Se a abelha não encontra a alimentação em massa, ela também não aparecerá em massa. A abelha não perde tempo. No que se refere ao roubo de açúcar durante a secagem, nada posso relatar ainda, mas vou estudar este caso também.

Gostaria de receber apoio e sugestões por parte dos fabricantes de açúcar, mais ainda daqueles que além de seu engenho também tem uma apicultura.

Chamo mais uma vez atenção para a exposição que foi cancelada, a próxima data ainda farei públicas. Para tornar a exposição



mais interessante, pretendo adquirir outros instrumentos para a apicultura, bem como o móvel do senhor Hermann, tão prático para principiantes.

O amigo das abelhas Wilhelm Wolff — Timbó.

Nº 20. Der Urwaldsbote Ano 8  
Sábado, 10 de novembro de 1900.

Enviado:

“Muita gritaria e nada atrás, assim certamente pensam os leitores dos jornais locais sobre a briga que causou o pedido feito no Volksverein, referente a proteção das abelhas. Estas pessoas que gritam e atacam o Volksverein não podem separar a causa da pessoa; eles acusam a sociedade do que disse uma pessoa. Será que querem que o Volksverein coloque uma focinheira em seus sócios? As piores manifestações são as do senhor H. Hadlich em seu “Enviado” no último número do “Bl. Zeitung”. Ela se torna até pessoa. O associado por ele citado é o mesmo que assina este. A minha opinião dada ao senhor Hadlich, de que provavelmente o fermento seria o causador da mortandade das abelhas, e também o melado (este processo também é empregado por produtores de açúcar no

Weissbach) tem como objetivo colocar-me na posição de caluniador. Hadlich, pergunta se fermento é veneno. Se o fermento também não pertence diretamente à categoria de venenos, mas o mesmo pode causar em uma série de seres manifestações de envenenamento, que podem causar a morte. Um antigo vizinho teve experiências desastrosas com a mesma em sua criação de suínos.

Como não devem ser as abelhas seres ingratos e malvados, que transformaram um homem que por 32 anos foi amigo das abelhas, e agora um inimigo ferrenho, que até o ódio lhe rouba o bom senso. Hadlich, afirma que a higiene é total no recinto dos fabricantes de açúcar. No que se refere à limpeza, um homem sensato só pode garantir o que acontece consigo ou com seus parentes próximos, mas não por centenas de pessoas que lhes são completamente desconhecidas. Não sendo assim deve-se desconfiar de sua sanidade mental.

Se Hadlich espera que o Volksverein, retire suas afirmações pode esperar por muito tempo. Em seu ódio cego ou vil propósito, o que é mais provável, ele esqueceu que o Volksverein ainda não se posicionou diretamente nesta questão. Por que então toda esta gritaria contra o Volksverein?”

Ass: Wilhelm Weise.

---

## Um pouco de história de Apiúna

1(Transcrito do livro de Miguel Deretti “Apiúna nos Meus Apontamentos”)

### HEROÍSMO

### DOS PRIMEIROS IMIGRANTES

Quando em 1934 cheguei em bordão, remanescente dos primeiros imigrantes. (Era Ângelo um velhinho, arrimado em seu Três, de numerosa e ilustre



descendência.) Falava da Itália, sua pátria: das guerras que envolveram a Europa no século passado, das lutas da Unificação Italiana. De modo especial contava histórias da batalha de Solferino, que custou a vida a 40.000 soldados. Referia-se aos Carbonários de 1830 a 1870, às sociedades secretas, ao liberalismo e materialismo que invadiram sua terra após a Revolução Francesa, a seus irmãos e pai que perdera na guerra, etc. Enumerava com precisão o nome dos grandes vultos daquele tempo e seus feitos: Bonaparte, Cavour, Garibaldi, Vitor Manuel II, Carlos Alberto, Pio IX, Mazzini, Cerutti e outros.

Conheceu, em terras itálicas, grandes extensões de propriedades rurais, entregues aos protegidos dos grandes de então. Arrendavam pequena porção de terra a juros elevadíssimos, não tirando o arrendatário o necessário para o sustento dos seus. E elevando os olhos para o céu, acrescentava em seu dialeto cremonês: "Benedetta lóra di quel di che siam embarcadi nel porto di Genova, nel piroscavo Vittorio.. Il viaggio di mar per quaranta di, per rivar in Rio de Janeiro, le sta de grand soffrir".

("Abençoada hora aquela, em que, a bordo do vapor Vittorio, embarcamos no porto de Gênova. Cheia de sofrimentos foi a nossa viagem por mar, de 40 dias, até o Rio de Janeiro.")

Depois, em pequeno vapor costeiro, foram conduzidos até Itajaí. Durante a longa viagem pereceram filhos e amigos, que foram sepultados nas águas do mar. Nunca se arrependeram, porém, de abandonar sua Pátria, tamanhas as privações que por

lá passavam, e bendiziam o Brasil que os acolheu. Sofreram durante os primeiros anos, mas nunca passaram pelo suplicio da fome. Ficaram praticamente isolados da Europa, pois as cartas dos amigos e parentes levavam muitos meses para chegarem a suas mãos. Bem cedo perceberam que agora possuíam uma nova Pátria, cuja grandeza de seus filhos ajudariam a construir.

Exfressões semelhantes colhi também da boca de alguns dos mais antigos imigrantes alemães. Relatavam os feitos de Frederico Guilherme I, Bismarck, Moltke, etc. As guerras entre Prússia e França, Prússia e Áustria. Queixavam-se das dificuldades que passavam em seu país no século passado. Não lhes era possível por lá adquirir terras, obter trabalho e conseguir um meio de sustento..

Os primeiros alemães que para cá vieram, eram unânimes em testemunhar as privações que sofriam em sua pátria de origem. A situação dos camponeses era de submissão a um regime semi-feudal. Informa-nos o sr. Walter Braatz, que seu avô paterno, Hermann Braatz Sênior, era como um servo-da-gleba destes "feudais" da nobreza alemã. Lá vivia semi-escravizado e submetido a maus tratos. Tendo Hermann imigrado para o Brasil, fixou-se em Apiúna. Certa noite um forasteiro alemão, montando um cavalo ricamente aiaezado, bateu em sua casa e pediu-lhe pousada. Acedeu Hermann reconhecendo depois que seu nobre hospede era nada menos que o conde de Sechlinberg (Montanha de Luz), filho do "suzerano" sob cuja jurisdição estivera e que tantas opressões lhe infligi-



ra. Hermann, no ensejo, não deixou de lembrar ao conde as injustiças e sofrimentos a que fora submetido por obra de seus pais, e com palavras pesadas formulou o seu protesto. O conde passava por esse distrito a serviço do governo alemão.

O governo imperial outorgou aos imigrantes um lote de terra para a lavoura em geral e durante seis meses lhes eram dados alimentação e remédios. E como a terra era fértil, no fim do prazo havia farta colheita para o próprio sustento.

Enfrentando perigos, abriram picadas a facão em diversas partes, seguindo os afluentes do rio Itajai-Açu. Eram as estradas primitivas que permitiam os transportes entre vários lotes. Construíram os primeiros ranchos, feitos de ripas, cobertos de esteiras de palha.

Havia na região grande abundância de madeiras de lei, o que aos poucos permitiu a edificação de casas de madeira, cobertas com pequenas tábuas. A madeira era serrada à mão. Entre os imigrantes havia bons pedreiros e carpinteiros, peritos em levantar casas. Com o correr dos anos levantaram uma olaria, fabricando os tijolos para melhorar as habitações (em outros núcleos construíam-se casas de pedra pura).

Logo depois construiu-se a primeira atafona, ou moinho de fubá, que servia a mais de 200 pessoas residenciais. Passaram mais tarde a organizar engenhos de açúcar, de farinha de mandioca, aproveitando a força das quedas d'água, ou movimentando-os a cavalos e bois. Havia deste modo a fartura na alimentação, não faltando também carne, leite e seus derivados.

---

## Aconteceu...

MARÇO DE 1990

---

— DIA 1º — A partir desta data, foi colocada à disposição da população na Estação de Piscicultura de Tatutiba III, da Prefeitura de Blumenau, a quantia de 80 (oitenta) mil peixes Pirapacu e Pirapitinga, originários das regiões do Pantanal Matogrossense e Amazônia. Na ocasião, o diretor do Departamento de Agricultura da Prefeitura disse que os peixes foram criados pela Estação de Piscicultura de Timbó, através de um convênio entre a FURB e o DNOS.

---

— DIA 5 — Foi transportada para a Igreja de Santo Antônio, no bairro do Garcia, procedente de Timbó, a maior imagem de Cristo, trabalhada em madeira existente no Brasil. A imagem foi entalhada pelo escultor timboense "Bubby" Hartmann, que herdou de seu pai o espírito desta arte magistral. A imagem tem 4,30 metros de largura (braços abertos) e 4,80 metros de altura. Considerando a cruz, as medidas aumentam para seis e sete metros respectivamente. Mais detalhes no JSC de 5/3/90.



— DIA 5 — Com um culto ecumênico às 8,30 horas e aula inaugural às 10 horas, a Universidade Regional de Blumenau iniciou oficialmente as aulas do curso de Medicina — primeiro do interior do Estado e o mais procurado no último vestibular da ACAFE. O curso iniciou com 40 alunos.

---

— DIA 5 — Foram iniciados os cursos de habilitação profissional nos 34 centros sociais da Prefeitura. Os cursos abrangem: bordados, costura, artesanato, manicure, cabeleireira, crochê e tricô, pintura em tecidos, e outros.

---

— DIA 6 — Com início às 8,30 horas e na presença de numerosos convidados, realizou-se a belíssima solenidade de posse do novo comandante do 10º Batalhão de Polícia Militar sediado no bairro de Vila Nova, nesta cidade. O até então comandante Cel. Jurandir Ferreira passou o comando para o Tte. Cel. Emmanuel Bittencurt. Na oportunidade também foi inaugurado o serviço de Centro de Operações Policial Militar COPOM, que passou a prestar assinalados serviços em benefício da maior segurança da população do Vale do Itajaí.

---

— DIA 9 — No Sagão da FURB, instalou-se a exposição de cerâmica chilena dos artesões Renán Sebastian Rodriguez Fierro e Maria Alejandra Gonzáles Pinto, cuja mostra foi muito apreciada.

---

— DIA 12 — Foram iniciados os trabalhos de recuperação da ponte ferroviária, considerada patrimônio histórico do município. Os trabalhos foram entregues à firma Construtora Roca, de Curitiba.

---

— DIA 10 — Depois de decorridos 14 anos do início da construção, foi finalmente inaugurada a Barragem Norte, de conteção de águas do Rio Hercílio. A solenidade ocorreu às 14 horas e foi presidida pelo Engº Paulo Oscar Baier, diretor do DNOS. A barragem Norte tem uma capacidade de acumulação de 357 milhões de metros cúbicos de água, com um maciço de 65 metros de altura.

---

— DIA 11 — De acordo com estimativa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística par fixar cotas de colaboração da cidade no Fundo de Participação dos Municípios, a população de Blumenau será de 220.741 habitantes em julho de 1990.

---

— DIA 12 — Causou profunda repercussão em Blumenau o falecimento de frei Braz Reuter, o paladino da construção da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo de Blumenau, quando durante vários anos foi vigário da Paróquia da cidade e diretor do Colégio Franciscano Santo Antonio. Frei Braz Reuter faleceu aos 81 anos na Alemanha.



— DIA 13 — Como resultado das pesquisas populares em torno da cor que deveria ser utilizada na nova pintura da Ponte Ferroviária, o resultado foi que a maioria escolheu a cor cinza-ferro. O número de votantes por esta cor foi 1.234, representando 55% do total dos votos.

---

— DIA 13 — Com a presença de numerosas pessoas, realizou-se, no Museu Ecológico “Dr. Fritz Müller”, à rua Itajaí, a solenidade do lançamento do livro “Fatos e Argumentos a Favor de Darwin”, de Fritz Müller” cuja tradução foi feita por Hitoshi Nomura. Simultaneamente, o lançamento também foi feito em Florianópolis, no hall da Biblioteca Pública Estadual.

---

— DIA 13 — Um violento temporal com a queda abundante de chuva, provocou, nesta tarde, inundações em quase toda Blumenau, atingindo tanto o centro quanto a maioria dos bairros. Como resultado, verificaram-se ainda deslizamentos de terra, assim como algumas casas foram destelhadas pela violência do vento que em alguns lugares se fez presente. Os prejuízos foram elevados mas felizmente não houve vítimas

---

— DIA 14 — Fundado há 14 de março de 1890, o Primeiro Ofício de Registros de Imóveis de Blumenau registrou neste dia a passagem de seus 100 anos de instalação.

---

— DIA 15 — Como aconteceu em todo o país, também em Blumenau repercutiu com grande entusiasmo a posse do novo presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello. As esperanças de todos se renovaram por um Brasil melhor, com mais justiça social.

---

— DIA 16 — Na saída de Exposições da Fundação “Frei Godofredo”, em Gaspar, e com a presença de numeroso público, realizou-se a solenidade de abertura da mostra de arte dos artistas Tadeu Bittencourt (pinturas) e de Terezinha Heimann (cerâmica). A exposição foi aberta ao público naquele dia, das 8 às 20 horas, tendo permanecido até o dia 30, com pleno êxito.

---

— DIA 19 — Em solenidade realizada no Salão do Tribunal do Júri da Comarca de Blumenau, foi dada a posse do cargo de Diretor do Foro da Comarca ao Dr. Antônio Fernando do Amaral e Silva. O Dr. José Roberge, que até então exerceu aquelas funções, presidiu o ato, assistido por muitos convidados.

---

— DIA 19 — Às 17,30 horas, realizou-se na Câmara de Vereadores de Blumenau, uma Sessão Comemorativa aos cem anos de instalação da Comarca de Blumenau, ocasião em que foram homenageados os Desembargadores José Bonifácio da Silva e José Roberge, ambos, por



longo tempo, Juizes do Forum da Comarca. O ato foi presenciado por numerosos convidados.

---

— DIA 20 — Com o objetivo de conhecer Blumenau e visitar o seu amigo particular sr. Martin Drews, que reside no Brasil desde 1949 e em Blumenau há um ano e meio, vindo de São Paulo, esteve em nossa cidade o ex-presidente da República Federal da Alemanha sr. Walter Scheel. O ilustre visitante veio acompanhado da esposa Bárbara, do embaixador da RFA em Brasilia, sr. Heinz Dittmann e esposa, assim como do casal Jurgen e Bárbara Trewes, além de Klaus Drewes, filho de Martin. Os visitantes foram carinhosamente recepcionados em Blumenau, cuja cidade o ex-presidente visita pela primeira vez, embora já tenha estado no Brasil anteriormente por duas vezes. O Sr. Walter Scheel foi presidente da RFA de 1975 a 1979.

---

— DIA 22 — No Saguão da FURB, teve lugar a solenidade que registrou: Mostra de Arte dos Artistas da Associação Blumenauense de Artistas Plásticos — BLUAP; Lançamento do livro “Hai-Kais Escolhidos”, do poeta Martinho Bruning e apresentação de harpa com Mônica Gauche Hamp. Numerosas pessoas compareceram à solenidade.

---

— DIA 22 — O pintor alemão Heinz Heilmair, de 76 anos, que foi o autor dos vitrais da Igreja Matriz de Blumenau, retornou a Blumenau, abrindo um mostra na Galeria Municipal de Artes, sob os auspícios do Departamento de Cultura da Prefeitura.

---

— DIA 23 — O Governador Casildo Maldaner fez escolha de seu novo secretariado, achando-se entre eles os blumenauenses economista Felix Christiano Theiss, ex-prefeito de Blumenau e para a Fazenda o advogado Renato Wolf, ex-assessor Jurídico da Prefeitura, no governo Dalto dos Reis, para a pasta da Justiça.

---

— DIA 26 — No Auditório do SENAI, instalou-se, às 19,00 horas, a Primeira Avaliação Pública do Programa de Proteção e Recuperação Ambiental da Bacia Hidrográfica do Vale do Itajaí-açu, uma promoção do Governo do Estado através da Secretaria do Desenvolvimento Urbano e do Meio Ambiente e da Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente.

---

— DIA 26 — Em Pomerode, realizou-se a Abertura da Exposição Fotográfica sobre o Principado de Liechtenstein. A solenidade aconteceu no Centro de Turismo daquela cidade, às 20 horas, com a presença de grande público. A promoção foi da Fundação Cultural de Pomerode, com o apoio da Prefeitura através da Secretaria de Turismo.

---

— DIA 25 — A temporada musical de 1990, em Blumenau, foi festiva-



mente aberta com a execução de obras de Radamés Gnatalli, Mozart e Heydn, pela Orquestra de Câmara de Blumenau, sob a regência do maestro Norton Morozowicz. A grande noitada contou com presença de numeroso público que foi aplaudir a já consagrada orquestra blumenauense que tantos concertos e sucessos vem obtendo em várias cidades do país.

---

— DIA 25 — Vítima de um mal súbito, faleceu em Armação, o Dr. Carlos Curt Zadrozny, cuja morte causou profunda repercussão em Blumenau. O ilustre desaparecido, contava apenas 63 anos de idade e foi prefeito de Blumenau no período 1965-1969. Seu sepultamento deu-se no dia 26, no cemitério evangélico de Blumenau, com grande acompanhamento.

---

— DIA 27 — Com a presença de numerosas pessoas, realizou-se a reinauguração do Colégio Pedro II, prédio, recém-destruído por um incêndio e agora totalmente restaurado. O ato contou com a presença de autoridades e a fita simbólica foi desatada por dois dos mais antigos alunos do estabelecimento, a sra. Kaete Werner e o jornalista e historiador Frederico Kilian, que hoje conta com 92 anos de idade.

---

— DIA 29 — Perante uma assistência que lotou as dependências reservadas ao público, realizou-se, neste dia, às 10:00 horas da manhã, expressiva solenidade na Câmara de Vereadores de Blumenau, com o Ato de Promulgação da Lei Orgânica do Município. Os trabalhos foram presididos pelo vereador Hasso Rolf Mueller, presidente daquela Casa do Povo, contando com a presença de todas as autoridades representativas do município. Vários pronunciamentos se fizeram ouvir, exaltando o magnífico e inteligente trabalho desenvolvido pelos srs vereadores, em especial, pela Comissão Especial e pelo Relator, cujos membros deram de si os maiores esforços e dedicação para trazer a lume em benefício de Blumenau, uma Lei Orgânica digna das tradições de civismo do povo blumenauense.

---

## Publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

### **Pesos e Medidas**

Blumenauer Zeitung - Nº. 4  
Sábado, 24 de janeiro de 1885.  
Ano 5

Pedimos a Câmara Municipal para o senhor Meldola ser convidado a prestar exame e outrossim publicar a lista de pesos e medi-



das mais a taxa, porque no ano passado aconteceram irregularidades. Ass.: Alguns pagadores de impostos.

---

#### **Venda de Tecidos**

Blumenauer Zeitung - Nº. 5  
Sábado, 31 de janeiro de 1885.  
Ano 5.

Aviso: D. V. Ockel comunica que a partir de agora também venderá tecido não só em metros mas em pedaços menores.

---

#### **H. Probst — Produtos**

Blumenauer Zeitung - Nº. 6  
Sábado, 7 de fevereiro de 1885.  
Ano 5.

H. Probst anuncia a chegada de conservas bem como frutas secas, vinhos, e também chocolates, anchovas e caviar.

---

#### **Transferência**

Blumenauer Zeitung - Nº. 11  
Sábado, 14 de março de 1885.  
Ano 5

Theodor Lüders comunica que no próximo mês passará seu negócio para outras mãos. Blumenau, 29 de fevereiro de 1885.

---

#### **Bebidas - cervejas**

Blumenauer Zeitung (Mesmo número do anterior).

Senhor H. Ehmke comunica que a partir de agora não mais servirá bebidas em copos, somente cerveja adocicada e café. Rio do Testo, 9 de março de 1885.

---

#### **Compra leite e verduras**

Guilherme Asseburg, avisa que compra a partir de agora o leite fresco em grande quantidade para sua fábrica de Conservas recentemente aberta. A partir de 15 do

corrente mês o senhor Carl Friedenreich recebe o leite dos distritos Velha, Itoupava e Salto, bem como verdura fresca como couve-flor, beterraba, cenouras pagando a vista. O leite deve ser entregue até as 7:30 da manhã e à noite até .. 18:00 horas.

---

#### **Procuração dos negócios**

Blumenauer Zeitung - Nº. 36.  
Sábado, 5 de setembro de 1885.  
Ano 5.

Aos meus amigos negociantes comunico que entreguei ao meu sogro Otto Stutzer uma procuração geral que por tempo me vai substituir em Badenfurt.

---

#### **Venda a dinheiro**

Blumenauer Zeitung - Nº. 39  
Sábado, 26 de setembro de ..  
1885 - Ano 5.

R. Finster comunica que a partir de agora somente vende relógios a dinheiro.

---

#### **Cerveja - trazer garrafas**

Blumenauer Zeitung - Nº. 42.  
Sábado, 17 de outubro de ..  
1885 - Ano 5.

Fr. Lungershausen comunica que a partir de hoje, para o consumo de cerveja, terão que trazer garrafas vazias ou fazer um depósito de 100 Rs.

---

#### **Liquidação**

Blumenauer Zeitung - Nº. 50.  
Sábado, 13 de dezembro de ..  
1885 - Ano 5.

O senhor Louis Sachtleben comunica que fará uma liquidação total de todos seus produtos até dia 31 de março de 1886.



### **Liquidação — estoque**

Blumenauer Zeitung - Nº. 5.  
Sábado, 30 de janeiro de 1886.  
Ano 6.

Louis Sachtleben comunica uma liquidação geral de seu estoque de mercadorias.

---

### **Transferência dos negócios**

Blumenauer Zeitung - Nº. 18  
Sábado, 1 de maio de 1886.  
Ano 6.

N. Malburg comunica que entregou seus negócios a Georg Tzachel durante sua viagem à Europa.

---

### **Exposição Provincial**

Blumenauer Zeitung - Nº. 5.  
Sábado, 31 de janeiro de 1885.  
Ano 5.

Outro comunicado oficial dirigido a Câmara Municipal pede que sejam **enviados produtos industriais e agrícolas a Desterro** para a próxima exposição Provincial em março do corrente ano. Uma última notícia diz que o senhor Taunay pediu seu desligamento do serviço militar.

---

### **Leilão**

Blumenauer Zeitung - Nº. 36.  
Sábado, 4 de setembro de 1886.  
Ano 6.

Anúncio de um grande leilão dia 4 de setembro às 8 horas da manhã nos salões da Sociedade Caça e Tiro Blumenau de grande parte do mobiliário e pertences de G. Stutzer.

---

### **Venda de mudas de frutas**

Blumenauer Zeitung - Nº. 23.  
Sábado, 5 de junho de 1886.  
Ano 6.

Senhor August Müller oferece

mudas de laranjas, tangerinas, laranja, cravo e louro.

---

### **Oferta de produtos**

Blumenauer Zeitung - Nº. 3.  
Sábado, 15 de janeiro de 1887.  
Ano 7.

Gustav Salinger oferece conservas recém-vindas da Europa.

---

### **Sementes de flores**

Blumenauer Zeitung - Nº. 5  
Sábado, 29 de janeiro de 1887.  
Ano 7

Victor Gaertner avisa que recebeu nova remessa de sementes de hortaliças e flores.

---

### **Liquidar dívidas**

Blumenauer Zeitung - Nº. 11.  
Sábado, 12 de março de 1887.  
Ano 7.

H. Hering pede a seus devedores de 1875 até 1886 a liquidarem suas dívidas.

---

### **Madeiras**

Blumenauer Zeitung - Nº. 20.  
Sábado, 14 de maio de 1887.  
Ano 7.

Aviso aos exportadores de madeira da Província Santa Catarina, sobre comprimento, largura e qualidade da madeira destinada ao Rio de Janeiro por Queiroz Moreira e Companhia.

---

### **Preço da carne**

No mesmo número e mesmo jornal segue a nota: Lista de preços da carne pela Associação de açougueiros da Vila de Blumenau.

Ass.: Chr. Dittrich.

N. Holetz.

F. Lungershausen.



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,  
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SAO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves



MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA